

NACIONALISMO, IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS O ANTI-SEMITISMO NA DOCTRINA INTEGRALISTA¹

Natalia dos Reis Cruz ²

Resumo: Um dos elementos presentes na doutrina integralista era o anti-semitismo, que aparecia no discurso das lideranças do sigma relacionado a duas questões primordiais: o problema da não-assimilação dos judeus à cultura nacional, enfatizando o “perigo” judaico para a identidade nacional; e a teoria da conspiração mundial judaica. Assim como muitas elites do período, líderes integralistas acusavam os judeus de não se integrarem à cultura nacional. Este artigo aponta as variações sobre a temática judaica no discurso das lideranças integralistas, enfatizando a preocupação com a construção nacional e os contornos morais e éticos que tornavam peculiar o discurso anti-semita da AIB.

Palavras-chave: Intolerância, Nacionalismo, Racismo.

Abstract: The anti-semitism is one of the characteristic elements in integralist doctrine, and in the sigma's leaders discourse it is related to two primordial questions: the jewish non-assimilation to the national culture and its threat to the national identity; and the jewish worldwide conspiracy theory. Like the elites of the period, integralists leaders revealed that the jews don't assimilate the national cultures. This article presents the variations about the jewish theme in integralists leaders discourse, emphasizing the preoccupation with the national construction and the moral and ethics signs that shows the peculiarity of the AIB anti-semitic discourse.

Key-Words: Intolerance, Nationalism, Racism.

¹ Este artigo é parte de minha tese de doutorado, intitulada *A Intolerância como Princípio. O Integralismo e a Questão Racial*, defendida em 2004.

² Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense e Professora Titular de História da Universidade Salgado de Oliveira.

Introdução

O objetivo deste artigo é enfocar o anti-semitismo entre as lideranças da Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento de caráter fascista surgido nos anos 30, no Brasil. Parto do pressuposto que as práticas da intolerância étnica e cultural levadas a cabo pelos integralistas estão ligadas a determinadas representações ideológicas e sociais e a um projeto nacional específico.

O projeto nacional defendido pelos integralistas era baseado na construção de uma identidade nacional, que seria alcançada por meio da homogeneização étnica e cultural do povo brasileiro. Nesse sentido, lutava-se contra grupos sociais que almejassem manter suas identidades culturais ou étnicas próprias, as quais eram vistas como uma ameaça a uma identidade nacional em construção. A crítica integralista aos judeus deve ser entendida desse ponto de vista, já que o suposto “perigo judaico” residiria na negação da miscigenação com outros grupos. O presente artigo visa, portanto, analisar o discurso anti-semita das lideranças do sigma, apontando para as representações ideológicas e sociais sobre os judeus, que visam estigmatizar o inimigo e legitimar a proposta racista do branqueamento.

O discurso integralista sobre a questão racial deve ser, antes de tudo, contextualizada, ou seja, inserida no contexto histórico dos anos 30 e nas representações sociais e políticas predominantes no período, as quais aparecem influenciando o discurso. No referido período, a grande preocupação dos principais teóricos e pensadores era o futuro do país enquanto nação e o integralismo foi uma das tentativas de pensar a nação brasileira, propondo um projeto de reconstrução nacional. A construção de uma nação estava, para grande parte das elites brancas, ligada à solução do que elas designavam como o “problema nacional”: a questão racial.

É importante mapear a origem social do discurso integralista, desvendando a que grupo social pertencem as principais lideranças do movimento e como este grupo tendia a ver a questão racial no período, ou seja, quais eram as representações dominantes da elite branca sobre as diferentes raças que convivem no território brasileiro. Estas representações eram acompanhadas de uma postura racista ou igualitária? O quadro institucional e o ambiente ideológico do período eram permeados por tendências democráticas ou autoritárias?

As lideranças integralistas eram oriundas das elites intelectuais, cuja percepção da questão racial era extremamente racista, e sofria

enorme influência das teorias raciais provenientes da Europa, cujos argumentos eram validados na ciência, ocultando assim o seu aspecto político. A desigualdade entre os homens era vista como natural e inevitável, posto que seria baseada na constituição biológica e no sangue. A natureza falava mais alto, não dependendo, portanto, da vontade humana o estabelecimento da igualdade.

As idéias dos teóricos raciais europeus eram baseadas no darwinismo social, cuja base era o determinismo racial. Os darwinistas sociais eram pessimistas quanto à miscigenação de raças, pois acreditavam que nem mesmo um processo de evolução social levaria à transmissão de caracteres adquiridos. Dentro desta concepção, as raças eram vistas como produtos finais, não poderiam ser “melhoradas” ou “aperfeiçoadas”, sendo imutáveis por natureza. Por isso, o cruzamento racial era visto como um erro, que levaria à degeneração racial e social. (Schwarcz, 1993:91)

Porém, tais teorias tiveram que ser adaptadas à realidade multirracial brasileira, resultando na chamada “teoria do branqueamento”, que aceitava a miscigenação como uma solução para o problema racial, visto que a mistura de raças levaria ao predomínio da raça branca, considerada superior, no final do processo.

Assim sendo, o discurso anti-semita das lideranças integralistas deve ser analisado levando-se em conta a percepção racista das elites intelectuais do período. Quanto ao quadro institucional e ao campo ideológico, predominavam, na década de 30, as idéias e práticas autoritárias, que se baseavam na exclusão social e/ou racial, na intolerância e no controle social rígido, visando garantir os interesses e posições das elites industriais, agrárias e dos setores médios da sociedade. O predomínio do pensamento e da prática autoritária influenciava no projeto de nação que se desenhava e também na forma como a questão racial era tratada pelos setores dominantes da sociedade.

Portanto, as representações sociais das elites do período eram marcadas pelo conservadorismo político e social e pela idéia de desigualdade e hierarquia, e é dentro desse quadro de representações e da conjuntura política autoritária que se deve analisar o discurso das lideranças integralistas acerca da problemática racial.

As lideranças do movimento faziam parte da elite econômica e intelectual da época e que, portanto, estavam profundamente impregnadas das mesmas representações sociais citadas acima. É preciso também situar a AIB no campo político-ideológico do período e,

nesse caso, o integralismo deve ser entendido como parte integrante da extrema-direita de caráter fascista, sendo o ideal fascista predominante em várias correntes políticas da época.

As Variações do Tema entre As Lideranças do Sigma

O anti-semitismo é um dos temas mais complexos da doutrina integralista, visto que não aparece da mesma forma e nem com a mesma intensidade no discurso de todos os líderes do movimento. É possível dizer que a questão judaica é o ponto menos consensual dentro do integralismo. Por não haver uma homogeneidade discursiva sobre os judeus na ideologia integralista, a análise do tema torna-se, em consequência, mais complexa, devendo dar conta das múltiplas formas pelas quais as lideranças do Sigma manifestam o seu desconforto e a sua intolerância para com os judeus.

O anti-semitismo em sua forma mais radical aparece somente na corrente do movimento liderada por Gustavo Barroso, que é seguido em suas análises por alguns autores integralistas, como Tenório D'Albuquerque, Oswaldo Gouveia e Anor Butler Maciel. Outras lideranças de grande expressividade na AIB, incluindo o líder máximo, Plínio Salgado, e o jurista Miguel Reale, não demonstram aquiescência com o radicalismo da corrente barrosiana, pelo menos no discurso.

Segundo Trindade (1979:250) essas lideranças pareciam mais reticentes na aceitação da tese que via os judeus como o “mal maior”, reduzindo os demais adversários do movimento à ação judaica. Por isso, é possível estabelecer uma gradação nos variados discursos anti-semitas do integralismo. Para Trindade, o fato de teóricos e dirigentes integralistas criticarem o anti-semitismo de Barroso não significa que tivessem uma posição neutra em relação aos judeus, apenas rejeitavam o radicalismo barrosiano.

Conforme Trindade, partilho da idéia de que existe uma gradação na forma como o anti-semitismo aparece na doutrina integralista, assim como concordo com a afirmação de que as demais lideranças não eram neutras no que diz respeito à questão judaica. No entanto, afirmar que tais lideranças realmente rejeitavam o radicalismo de Gustavo Barroso não é muito apropriado, principalmente se utilizarmos como critério as críticas que alguns líderes faziam a Barroso, em função de uma suposta incompatibilidade entre o cristianismo e o racismo. A título de exemplo, Trindade usa um artigo escrito por Salgado, no qual este critica o anti-semitismo barrosiano, afirmando que o integralismo não nutria

preconceitos de raça³.

Porém, o que dizer quando o próprio Gustavo Barroso, apesar de desferir uma série de acusações aos judeus, vem com um discurso bastante parecido com o supracitado, com críticas ao racismo, em nome dos valores cristãos? Barroso diz:

“(...) No Brasil, não temos nem devemos ter preconceitos de seita ou de raça. Devemos querer que se fundam num só corpo e, mais ainda, num só espírito os brasileiros de todas as cores, credos e procedências. Essa fusão num molde único somente pode ser atingida sem esses preconceitos e é o grande ideal Integralista.”(Barroso, s. d.:17)

Não estou querendo dizer que possamos fazer o caminho inverso e afirmar que todas as lideranças pensavam como Gustavo Barroso, pois o que temos são os discursos em que as diferenças no trato da questão aparecem e devem ser consideradas. Estou apenas colocando uma questão que merece ser mais bem investigada pelos estudiosos do anti-semitismo integralista, levando-se em conta três variáveis que, a meu ver, impedem conclusões simplistas. Em primeiro lugar, o discurso integralista é profundamente contraditório. O trecho que citei de Gustavo Barroso é uma prova incontestável de como a fala integralista é repleta de incoerências. Em segundo lugar, precisamos levar em consideração que o movimento integralista tinha profunda necessidade de se auto-afirmar cristão e, em nome dessa particularidade, não assumia a postura racista implícita em sua doutrina, conforme vimos no segundo capítulo do presente trabalho. Diante disso, é bastante compreensível que grande parte dos líderes integralistas não quisessem se arriscar enveredando por um discurso radical em relação aos judeus, pois isto tornaria explícita a intolerância racista do Sigma. A negação do radicalismo de Barroso poderia ser então uma questão de tática política. E em terceiro lugar, havia uma disputa de poder pelas principais lideranças políticas do integralismo, principalmente entre Plínio Salgado e Gustavo Barroso, o que pode também ter contribuído para as críticas que Salgado fazia ao anti-semitismo barrosiano.

Ao deixar de lado a preocupação em saber se os críticos de Barroso eram sinceros ou não, concentrar-me-ei na análise das variações do discurso anti-semita do integralismo. As lideranças e pensadores do movimento davam ênfase diferenciada ao problema judaico, bem como aos aspectos relacionados aos judeus, resumidos em

³ O artigo está na Revista *Panorama*, 1 (4-5), abril-maio, 36, p. 3-5.

duas questões primordiais: o problema da não-assimilação dos judeus à cultura nacional, enfatizando o “perigo” judaico para a identidade nacional; e a teoria da conspiração mundial judaica. A despeito dessas peculiaridades, porém, o discurso anti-semita das principais lideranças e pensadores do sigma estava estritamente ligado à problemática da construção nacional, e o anti-semitismo integralista ganhou contornos morais e éticos, tendo como pano de fundo a proposta espiritualista de caldeamento étnico e cultural.

O Judeu como “O Outro”. O Problema da Assimilação

A partir da década de 20, intelectuais e políticos de variados matizes ideológicos começaram a elaborar um discurso em torno do “problema judaico”, discurso este marcado pelo viés da intolerância e do racismo. A tônica do período era a preocupação com a formação da identidade nacional brasileira, em que a questão racial e cultural era considerada elemento crucial para o futuro da nação. O “problema judeu”, para as elites da época, estava situado na discussão dos imigrantes “indesejáveis”, por não se encaixarem no quesito assimilação /branqueamento da população. O discurso integralista estava impregnado desta mesma perspectiva, sendo, portanto, a partir dela que devemos analisar o anti-semitismo integralista.

O anti-semitismo integralista fazia parte do contexto geral da época, marcada pelas discussões sobre a formação da nação brasileira. Por isso, os integralistas compartilhavam com as principais elites do período, a preocupação com a entrada de imigrantes indesejáveis no Brasil, e os judeus estavam incluídos entre eles.

A homogeneidade étnica e cultural da população brasileira, que deveria ser obtida via assimilação ou caldeamento entre as diversas raças e culturas existentes no Brasil, com o objetivo de branquear o povo, é a chave para se compreender o discurso integralista acerca da construção da nação. A constituição do futuro da nação estava estreitamente associada à criação de uma identidade nacional vinculada à cultura branca e européia.

A “questão judaica” para o integralismo deve ser entendida como parte desse projeto de nação, daí a imensa preocupação de várias lideranças do movimento com a assimilação dos judeus à sociedade brasileira. Assim como muitas elites do período, líderes integralistas acusavam os judeus de não se integrarem à cultura nacional, a mesma acusação que faziam às comunidades alemãs do sul do Brasil.

Ocorre que havia uma diferença fundamental entre o anti-

semitismo e o antigermanismo para os integralistas. Em ambos, o pano de fundo é a tentativa de branquear a população. Havia também a intolerância para com qualquer tipo de grupo social que se opusesse à homogeneização étnica e cultural do povo, e tanto alemães como judeus representavam um empecilho para tal política. Entretanto, enquanto os alemães deveriam se misturar à cultura nacional para inserir “sangue bom” na raça brasileira, os judeus deveriam participar do caldeamento para que o seu “sangue ruim” fosse “lavado” pelo sangue branco europeu.

A preocupação com a não-assimilação judaica também era constante nos discursos integralistas. Everardo Backeuser, professor universitário e membro da AIB, era extremamente amedrontado com o que ele chamava de “guetos” judaicos na cidade do Rio de Janeiro, isto é, a grande concentração de judeus em determinados bairros cariocas. Backeuser era colunista dominical do *Jornal do Brasil*, no período pós-45, portanto, o trecho que será citado foi escrito após a extinção da AIB. No entanto, parece óbvio que sua posição refletia a ideologia intolerante do integralismo. Um dos artigos intitula-se “Os Guetos da Cidade”, que apresenta um conjunto de elementos combinados que fazem parte de todo discurso anti-semita. O artigo inicia com o assunto da não-assimilação dos judeus, o que os leva a preservar suas características físico-raciais e culturais. Este fato é apresentado como algo extremamente negativo, pois seria uma ameaça à identidade nacional e ao futuro da nação. (Apud Nehab, 1988:24)⁴

Embora a tônica central do artigo seja a questão da não-integração racial e cultural dos judeus, Backeuser toca também em outros dois pontos, quais sejam: o perigo que os judeus representariam para o país, em consequência de sua intensa coesão comunitária; e o enriquecimento às custas da população carioca. Ao combinar esses dois fatores, o autor reforça a imagem do judeu como solidário com seus iguais e “explorador” dos que não fazem parte de seu grupo racial. (Idem:26)

Para completar, mais um elemento é acrescido à imagem do judeu: a colocação do sentimento de pertencimento à etnia acima do sentimento de pertencimento a qualquer nacionalidade, ou seja, os judeus se fecham para as identidades nacionais dos países em que residem, não se comprometendo com os interesses da nação gentia na qual estão inseridos, mas ocupam cargos de influência política e social. (Ibidem:24 e 25)

⁴ BACKHEUSER, Everardo. “Os Guetos da Cidade”. *Jornal do Brasil*, 13 de outubro de 1946.

Vemos que, para Backheuser, o problema da não assimilação cultural e étnica dos judeus à sociedade brasileira traz problemas não somente de ordem racial e cultural propriamente dita, em virtude de desafiar o projeto integralista de uma nação embranquecida, mas também de ordem econômica, social e política. Pois, se os judeus não se assimilam, não assumem a identidade nacional, não se identificam com os interesses nacionais e nem com o povo brasileiro, logo, fechados em si próprios, exploram a nação, representando, portanto, uma ameaça “moral” e política ao país.

Assim sendo, a crítica integralista ao fato dos judeus serem inassimiláveis ultrapassa a questão da identidade nacional e do projeto de branqueamento para chegar a preocupações de ordem “moral”: os judeus só pensam na sobrevivência do seu próprio grupo e exploram, por meio do comércio, os povos dos países em que vivem.

O que estava em jogo era a tendência de os judeus não se assimilarem, mas ao mesmo tempo, requererem direitos das nações que os acolhem, incorrendo na contradição de quererem ser tratados como “minorias nacionais”, mas se dizendo leais às nações onde residem. Este raciocínio aparece no discurso de vários outros integralistas. Gustavo Barroso, por exemplo, apesar de enfatizar mais a teoria da conspiração, conforme veremos mais adiante, também se refere a uma “tendência” judaica à não-assimilação; porém, acrescenta um viés diferente em sua análise. Para ele, os judeus assim se comportam porque são racistas. Ocorre, então, um movimento interessante de transposição de discursos, ou seja, Barroso transfere para o “outro” os elementos presentes em seu próprio discurso, a saber: o racismo e a intolerância, pois segundo ele,

“O judaísmo é simplesmente o predomínio exclusivista dos judeus, que só aparentemente se submetem às leis, costumes e interesses nacionais. Eles não deixam que no seu espírito se apague a idéia do Estado Judaico messiânico e dominador. Por isso, o judeu não pertence à pátria onde nasce; é sempre, imutavelmente judeu.” (Barroso, 1936:76)

Estamos na presença de um discurso invertido. O que chamo de discurso invertido? Aquele que atribui aos adversários as características que ele próprio contém, como estratégia de deslegitimar os opositores e se apresentar como aquilo que não é, ou seja, um movimento inofensivo que estaria apenas se defendendo de um povo intolerante e racista.

Ao apontar o “outro” como racista, oculta-se o próprio racismo, tirando do próprio discurso o viés racial e conferindo-lhe um viés moral. É possível perceber este aspecto quando Barroso compara o nazismo e o integralismo no quesito “perseguição aos judeus”, dando às duas doutrinas motivações distintas. Enquanto o nazismo combate os judeus porque defende a pureza do sangue alemão, ou seja, tem motivações raciais, o integralismo combate os judeus porque eles são racistas, por serem inassimiláveis, contrapondo-se aos valores cristãos defendidos pelos integralistas. Resumindo, pretende-se passar a idéia de que o Integralismo possui um valor superior ao do nazismo, pois não persegue os inimigos por questões “moralmente” discutíveis, como seria o caso da postura racista, mas por questões de “boa moral”: salvar o mundo do “racismo judaico”. (Barroso, s.d.:17)

A intolerância integralista em relação aos judeus estava intimamente relacionada com a proposta de branqueamento da população brasileira. Os israelitas representavam um empecilho para a homogeneização étnica e cultural da nação, por insistirem em se manter fiéis às tradições judaicas e serem considerados inassimiláveis pelo integralismo.

A Tese da Conspiração Judaica

O discurso contra o judeu era um discurso contra o “outro”. Este “outro” não era somente diferente, inassimilável, não-nacional. Ele era também a personificação do “mal”, do “perigo” que estaria se espalhando por todas as sociedades com o intuito de prejudicar os povos para melhor dominá-los. A chamada “Teoria da Conspiração Judaica” fez parte da doutrina integralista e era defendida por vários líderes do movimento, sendo Gustavo Barroso o mais conhecido e o que mais publicou obras anti-semitas entre os integralistas.

O discurso da conspiração judaica defendida pela corrente de Gustavo Barroso representa uma tentativa de elevar um mito à categoria de história, ou mais precisamente, uma espécie de “leitura” da história com base em uma mística que levaria, inevitavelmente, à vitória do movimento integralista enquanto representante do “bem” contra o “mal”.

Segundo Cytrynowicz(1991:105-106), três elementos-chave aproximam o pensamento integralista barrosiano do anti-semitismo nazista: a idéia de que a história é uma permanente luta contra os judeus e contra o complô judaico; idéia de que este combate é sagrado,

localizando-se em uma esfera superior a dos homens, pois como os judeus são identificados com o anticristo e através de categorias anti-históricas – como “raça”, por exemplo –, o combate se daria no plano cósmico e natural, e não no plano histórico; a história teria um fim teleológico, com a vitória da raça ariana ou do integralismo.

A teoria da conspiração judaica só consegue se apresentar como um todo coerente porque realiza um movimento de abstração em relação à história do povo judeu, desconsiderando as divisões sociais, econômicas e até mesmo culturais existentes em seu seio. Os judeus são apresentados como uma categoria abstrata, um todo monolítico, quase uma entidade, abstraindo-se do judeu real e inserido na história e na sociedade. Os judeus formariam então um corpo homogêneo e indivisível, unidos pelo firme propósito de dominar o mundo e subjugar os demais povos.

Trata-se, portanto, de um mito, e não da história. Esta demonstra que os judeus, longe de formarem um corpo unitário, eram bastante divididos por classe e por interesses sociais e econômicos específicos. O processo de desenvolvimento capitalista e a urbanização desempenharam um papel central no processo de diferenciação social sofrido pelo povo judeu. No final do século XVIII, não havia mais um povo/classe, mas industriais e operários, pequenos comerciantes, financistas e agricultores.

A “Teoria da Conspiração Judaica” tem sido vista pelos historiadores do integralismo como parte da vertente mais radical do movimento, representada pelas lideranças que nutriam um anti-semitismo mais intenso do que os demais líderes. De fato, podemos distinguir claramente os adeptos da tese conspiratória pela presença constante da figura do judeu em seus discursos e obras. Para eles, o judeu está por trás de todos os acontecimentos ruins da humanidade, sendo a ação judaica a chave para se compreender as causas dos principais problemas que afligem as nações e os povos. Seus discursos são permeados por uma espécie de obsessão contra o “inimigo”. Na verdade, é na teoria da conspiração que a figura do “inimigo” aparece com mais veemência, pois ele seria portador das desgraças que se abatem sobre a nação, é o “mal” a ser derrotado.

A luta contra o capitalismo, o comunismo, o liberalismo e o individualismo poderia se resumir na luta contra os judeus, já que eles seriam os criadores e disseminadores de todos esses “males”. Para esta vertente integralista, os judeus controlam os principais meios de comunicação – a mídia e a imprensa – a fim de “envenenar” os povos

com os seus valores “perversos” e “destrutíveis”, impedindo, inclusive, a divulgação da existência do movimento “redentor” - o fascismo - em alguns países⁵.

O já citado Arnor Butler Maciel foi um dos grandes expoentes da tese da conspiração judaica no integralismo, e é baseado nela que ele elabora uma explicação para os motivos das perseguições sofridas pelos judeus: *“Atribui-se ao povo de Israel a execução de um plano maquiavélico de destruição das nações cristãs, visando exercer domínio despótico sobre o universo inteiro.”* Segundo ele, o messianismo judaico seria a origem das aspirações de domínio mundial nutridas pelos judeus.” (Maciel, s.d.:34 e 35)

A seguir, Maciel põe-se a perguntar como os judeus poderão vencer os povos da terra, se não possuem uma pátria, nem armamentos e soldados. E ele mesmo responde: *“Eles são acusados de combater os povos que os acolhem no seu próprio seio, desmoralizando-os, desfibrando-os. E são acusados ainda de propagarem, dirigirem e controlarem o movimento comunista no universo!”* (Idem:35)

É interessante comparar a análise da história de Barroso com aquela realizada pelo líder máximo do integralismo, Plínio Salgado elaborou uma espécie de teoria dos movimentos humanos, visualizando três etapas na história da humanidade, denominadas por ele, respectivamente de *adição, fusão e desagregação*. Na primeira etapa, havia o *politéismo*, com a *multiplicação dos deuses*, dos clans e das províncias; na segunda, a humanidade passou ao *monoteísmo*, na qual todos esses elementos se fundem em uma idéia de cunho “totalitário”, que abarca toda a compreensão do Universo e todos os movimentos humanos; na terceira etapa, veio o *ateísmo*, causador da desagregação social, por causa do abandono dos valores religiosos e do apego extremado à razão e à ciência. A quarta etapa estaria ainda por vir, sendo a época da síntese e da recuperação do *espiritualismo cristão*. (salgado, 1943:15 e 16)

Note-se que Salgado não fala na questão judaica ao apresentar a sua teoria da história, ao contrário de Barroso, que apresenta uma “análise” da história profundamente baseada em uma teoria das raças, na qual o judeu exerce importante papel na configuração dos destinos da humanidade, conforme veremos no item seguinte.

Salgado também elegia como inimigos o racionalismo e o materialismo surgidos no século XVII e suas conseqüências, ou seja, o liberalismo, o individualismo e o comunismo. No entanto, em sua concepção da história, estes acontecimentos não aparecem diretamente

⁵ BARROSO, Gustavo. “O Movimento Fascista em França”. *A Offensiva*, Ano I, n. 4, 7 de junho de 1934.

associados à ação judaica, e sim ao materialismo: “*Temos chegado, ao cabo de vinte séculos de Cristianismo, à plenitude de uma civilização em que predomina, avassaladoramente, o conceito materialista da Vida e da História. (...)*” (Salgado:1978:14)

A causa dos males atuais não estaria na atuação dos judeus, mas na ausência do homem, responsável também pelo surgimento do comunismo, assim como o problema do mundo atual seria de base moral, revelado nos valores materialistas, os quais ele não associa a nenhum grupo especial, mas à civilização ocidental como um todo. (Salgado, 1983:17 e 18)

Enquanto Barroso associa estreitamente o capitalismo ao judaísmo, Salgado vê o capital como o grande causador do sofrimento da humanidade, sem contudo relacioná-lo à figura do judeu. O capital aparece sem feição, de forma abstrata, como uma entidade à margem das ações humanas, mas com grande poder de domínio sobre os homens. (Salgado, 1946:22 e 23)

Assim como Barroso, Salgado via o capitalismo e o comunismo como submetidos às mesmas forças destrutivas. Porém, em Barroso, tais forças são os judeus, enquanto para Salgado são simplesmente a manifestação do materialismo: “*Porque Capitalismo e Comunismo são dois nomes para designar a mesma coisa: o Materialismo. Daí a prodigiosa unidade de direção no processo de desenvolvimento, tanto do Capitalismo como do Comunismo*”. (Idem:112)

Isto não significa que Salgado não fosse anti-semita, visto que o líder integralista escorrega várias vezes no anti-semitismo. Ao analisar a Revolução Russa, por exemplo, Salgado a associa aos sentimentos e a uma suposta “índole racial” semitas, referindo-se, inclusive, a ações conspiratórias. (Ibidem:35 e 36)

Em outra obra, Salgado coloca entre os “acusadores” do integralismo os autores dos “*Protocolos dos Sábios de Sião*”, livro este atribuído aos judeus e considerado a bíblia dos anti-semitas mais radicais. Além disso, opõe o comunismo judaico ao integralismo, apresentando o primeiro como representante do materialismo e o segundo como representante do espiritualismo. (Salgado, 1946:82)

Percebe-se que Plínio Salgado, apesar de não cair no radicalismo anti-semita de Barroso, não defendendo abertamente a teoria da conspiração judaica, manifesta o anti-semitismo em diversas passagens de suas obras. O mesmo acontece com Miguel Reale, que chegou a criticar a associação estreita entre capitalismo e judaísmo propugnada pelos teóricos da tese da conspiração, mas, em vários trechos de seus

discursos, podemos encontrar o tema do anti-semitismo de forma clara.

Embora crítico da idéia de conspiração, Reale não negava que a luta contra o capitalismo implicava a defesa da nação frente a influência judaica. Isto aparece quando ele afirma: “(...) *hipotecado em uma série de empréstimos, era um simples empregado do Estado super-nacional-capitalista, cujos primeiros ministros são quase todos de raça judaica.*” (Reale, 1934:122)

Apesar deste trecho claramente anti-semita, Reale comenta em pé de página que não nutre preconceito racial contra os judeus: “*Limitamo-nos a constatar um fato, uma coincidência (...) Para nós, não há uma questão de raça, mas um problema de moral. Semitas ou não-semitas, os exploradores dos povos têm os seus dias contados.*” (Idem:105 e 106) A contradição neste comentário é explícita: Reale não assume o anti-semitismo, mas faz questão de enfatizar a origem semita dos financistas e dos comunistas, embora termine dizendo que pode haver não-semitas envolvidos na questão.

Não podemos subestimar o fato de que havia uma diferença de ênfase no tratamento do problema judaico entre as várias lideranças integralistas. Salgado e Reale, por exemplo, não afirmavam categoricamente que os judeus eram os grandes responsáveis por todos os males da humanidade, ao contrário de Barroso, D’Albuquerque, Maciel, entre outros. No entanto, também não devemos afirmar categoricamente que eles não concordavam com a tese da conspiração, visto que se os judeus não eram os únicos culpados pela situação em que se encontravam os povos e nações, sem dúvida nenhuma, também para estes autores, os judeus tinham parte nas supostas ações “malignas” perpetradas contra a humanidade.

A Base do Anti-Semitismo Barrosiano: A Teoria das Raças

O discurso de Gustavo Barroso sobre o “problema judaico” é um dos maiores exemplos das contradições presentes na doutrina integralista sobre a questão racial. Enquanto muitas lideranças do movimento adotam uma postura racista implícita em seus discursos, Barroso tem uma postura abertamente racista, apesar de compartilhar com os demais líderes integralistas a negação do racismo, em prol dos valores cristãos.

O seu anti-semitismo é apresentado, conforme vimos anteriormente, como resultado de uma postura “moral” contra o “racismo judaico”; mas, ao mesmo tempo, Barroso baseia sua rejeição aos judeus em uma Teoria das Raças, que explicaria diversas fases da

História da humanidade. Barroso interpreta a história por um viés profundamente racial e deriva dela o seu anti-semitismo, que aparece conjugado a uma Teoria da Conspiração judaica que ajudaria a "legitimar" a solução do extermínio.

Barroso aproxima-se bastante do nazismo, principalmente por adotar a teoria conspiratória propalada por Hitler e os nazistas em geral, que também tentavam dar uma "legitimidade" às ações perpetradas contra os judeus por meio da idéia de preservação do "povo alemão" contra o "mal" semita. Mas, enquanto o nazismo assumia claramente o racismo, Barroso o nega, mas, paradoxalmente, também o afirma.

Este movimento de afirmação e negação simultânea do racismo separa Barroso dos demais líderes integralistas que, apesar de também adotarem o racismo implícito na defesa do branqueamento da população brasileira, não o afirmam como parte de seu ideário, e sim o ocultam na proposta de caldeamento étnico e cultural. Ou seja, fazem um movimento único de negação. Barroso faz os dois movimentos: nega e afirma o racismo.

Isto não quer dizer que iremos encontrar nas obras de Gustavo Barroso afirmações do tipo: "a raça branca é superior", conforme encontramos nos discursos nazistas. Mas iremos encontrar esta idéia na Teoria das Raças desenvolvida por ele. Devemos, portanto, começar por ela.

Barroso adota uma visão poligenista do mundo, segundo a qual a origem do gênero humano é diversa e tem por base a existência de quatro raças: a negra, a vermelha, a amarela e a branca. Estas raças possuem características biológicas (cor da pele, fisionomia, cabelos), culturais (trajes, armamentos, escrita) e geográficas distintas. Localizadas em diferentes regiões do mundo, as raças movimentaram-se em direções variadas, devido às adversidades naturais. Essas migrações geraram conflitos, principalmente no Oriente. O resultado das lutas raciais teria sido a vitória da raça branca, que afirmou sua dominação por meio dos seus predicados morais. (Barroso, 1935:64)

Desde já, percebemos uma especificidade de Barroso. Embora seja adepto do cristianismo, que se baseia em uma visão monogenista do mundo, o autor adota o poligenismo como ponto de partida para sua teoria das raças e da história. As diferenças entre monogenismo e poligenismo são cruciais e levam a interpretações distintas do problema racial. Enquanto o monogenismo concebe a existência de um tronco único onde as diferenças raciais são consideradas variações de uma mesma fonte, os poligenistas vêem as diferenças raciais como absolutas.

Para os monogenistas, diferença e desigualdade não estão interligadas de forma indissolúvel, sendo as variações raciais oriundas do acaso.

Mas a partir do momento que os monogenistas admitem uma origem única e comum para toda a humanidade, abrem um espaço para a relativização das diferenças raciais, preconizando que todas as raças e povos possuem um substrato comum, que os aproxima. O poligenismo torna as diferenças raciais e a desigualdade que supõem ser advindas de tais diferenças como algo que não pode ser mudado, incentivando a separação radical entre os povos e raças.

Barroso consegue conciliar as duas concepções de mundo, adotando uma interpretação poligenista da história dos povos, mas propondo a irmandade e a união indissolúvel entre todos, por meio do amálgama cristão das raças. Mas sua teoria das raças afirma explicitamente a superioridade da raça branca, ao dizer que, na Europa, principal cenário da civilização branca, os diferentes grupos oriundos desta raça ocuparam diversas regiões e tiveram que lutar contra negros e amarelos para assumirem a hegemonia no continente, obtendo, no final, a vitória. (Apud Maio, 1992:106)

A raça branca, por ser superior, possuiria valores nobres, como o espiritualismo e o altruísmo:

“O característico moral da raça branca é o altruísmo. Daí sua monogamia quase geral, sua sociabilidade e sua vocação para os apostolados. Na sua concepção natural, a família é uma comunidade não somente econômica, mas econômica sob o impulso e direção da moral, que se desenvolve no tempo, para o passado, com o culto dos antepassados, no tempo e no espaço, para o futuro, com a transmissão do patrimônio, criando a solidariedade ininterrupta entre as gerações”. (Barroso, 1935:21)

Barroso interpreta as diferentes fases da história através desta noção de superioridade da raça branca, deduzindo os períodos benéficos da humanidade das qualidades e virtudes morais dos brancos, assim como relaciona as fases negativas com o predomínio das raças “inferiores”, principalmente os judeus.

Dessa forma, divide a história em quatro impérios. O primeiro seria o Império do Carneiro, que teria sido fundado pela raça branca. Seu símbolo, o Carneiro – Áries – levou os brancos a se denominarem “arianos”. A formação política deste império baseava-se no espiritualismo, traduzindo-se na prática do bem, do dever, da

sensibilidade, da piedade filial, da ternura conjugal e da comunhão da alma com a natureza. (Idem:22)

Devido às desavenças geradas pelo desprezo à autoridade espiritual, o Império do Carneiro foi destruído, iniciando-se um processo de atomização dos homens, que passam a ser movidos pelas paixões, configurando-se a imagem hobbesiana da “guerra de todos contra todos”. A ausência do elemento espiritual fez com que os indivíduos, desnorteados pela perda dos vínculos com o passado e com a tradição, passassem a viver de acordo com os valores do materialismo imediato.

A esta altura, já não era mais o Império do Carneiro que dominava, e sim o Império da Loba, baseado na força e no individualismo, cuja expressão maior foi Roma, que conquistou a África, a Ásia e a Europa, formando um grande império. O Império da Loba era regido pelo materialismo sem princípios éticos e espirituais, surgindo conflitos incessantes entre os povos. Tal situação só teria sido superada parcialmente com o nascimento do cristianismo, que procurou substituir o determinismo racial pelo domínio da religião. Dessa forma, a competição entre as raças seria dissolvida na unidade espiritual. Porém, segundo Barroso, este projeto não teria logrado êxito porque os judeus não quiseram abrir mão de sua identidade para participar da proposta cristã totalitária, assim como pretendem minar o modelo de sociedade formulado pelo cristianismo, revelando sua vocação dominadora. (Ibidem:22)

Como Barroso descreve os judeus? Para ele, os judeus são um povo asiático do deserto, desenraizado, nômade, insociável e exclusivista, formando uma nação dentro de outra nação. A submissão às leis, costumes e interesses dos Estados nacionais é sempre aparente. Tratar-se-ia de um povo apegado a coisas materiais, devido a sua falta de espiritualidade, mas unidos pelas leis do Talmud e por uma estrutura política ancestral baseada na kehilá. O plano judaico seria a preservação dos judeus e o enfraquecimento e dissolução dos outros povos. (Idem:25)

Vê-se, portanto, que os judeus são colocados como os principais representantes do Império da Loba, aparecendo no final da Idade Média como um empecilho à consolidação da revolução espiritual. Na fase seguinte, denominada por Barroso de Império de Capricórnio, que ele também chama de império da Economia Material, teria ocorrido a radicalização do conflito entre judeus e cristãos. A ascensão deste império consolidou a força do materialismo, abolindo antigos

privilégios e rompendo com velhas tradições. O pluralismo medieval foi substituído pelo absolutismo, que seguia a lógica da “razão de Estado”, característica do Estado moderno, rompendo com as relações entre poder e religião. (Apud Maio, op. cit:96 e 97)

O Império de Capricórnio traria em seu bojo as características da raça semita, que passava a predominar no intuito de dominar os demais povos. Assim, iniciava-se a era da negação da hierarquia, da disciplina e dos princípios espirituais, prevalecendo a desagregação social, o individualismo e a ausência da nação. A ação judaica encontrar-se-ia por trás de todos esses fenômenos, através da propagação dos princípios materialistas e da radicalização dos conflitos, visando o domínio total. Com o advento do liberalismo, inviabilizou-se o surgimento de uma “síntese social”, facilitando a atração do “judaísmo capitalista”. (Idem: 124 e 125)

O quarto e último império, denominado Império do Cordeiro, viria para solucionar os problemas causados pela ação judaica no mundo, procurando “regenerar” a humanidade, contaminada pelos valores materialistas e individualistas dos judeus. Seria uma espécie de revolução interior, com o objetivo de trazer de volta os valores espirituais e éticos, fundando uma síntese econômica-política-espiritual, libertando os homens *“do domínio da matéria para ascender aos paramos da espiritualidade.”* (Ibidem:173)

Ao analisarmos a visão barrosiana da história, que se resume na divisão das “fases históricas” segundo o critério da ação benéfica ou maléfica dos principais grupos raciais – brancos e semitas –, percebemos que esta se baseia em uma teoria das raças, que pressupõe a origem distinta delas – segundo os preceitos do poligenismo – e a superioridade da raça branca, que teria legado à humanidade as principais virtudes e qualidades necessárias a uma “boa sociedade”, ou seja, o espiritualismo, o altruísmo, a solidariedade e a benevolência. Mais tarde, na luta contra os semitas, a raça branca e seus valores encontrariam pela frente um novo desafio: vencer o materialismo, o egoísmo e o individualismo judaico, que desagrega a sociedade, causando conflitos insolúveis, a não ser pela ação “regeneradora” dos valores da raça branca, que devem agora predominar e retirar a humanidade da “escuridão” causada pelos judeus.

Na verdade, o advento do chamado “Quarto Império” – o Império do Cordeiro – trata-se apenas de uma proposta defendida por Barroso, cujo modelo de estado da revolução espiritual, Maio denomina de “cristão totalitário”. (Idem:173) Considero o termo usado por Maio apropriado para designar a nova visão de sociedade, pelo menos do

ponto de vista étnico e cultural, pois o que Barroso propõe seria a dissolução das diferenças culturais e étnicas em uma síntese que ele denomina de “espiritual”, que nada mais é do que a destruição de qualquer cultura e raça que não seja a branca. São os valores desta raça que devem predominar, deduzindo que a assimilação dos demais povos e raças a tais valores seria o início do desmoronamento de suas identidades.

Barroso aproxima-se bastante do nazismo, não somente por ambos conceberem a modernidade como uma criação judaica, defendendo uma teoria da conspiração bastante similar, mas principalmente porque Barroso também defendia o extermínio dos judeus, o que não encontramos em nenhum outro pensador integralista:

“Não é por ódio, desdém ou desprezo que se deve fazer uma campanha sistemática contra a judiaria infiltrada por toda a parte e sim por Instinto de Conservação. Antes da completa eliminação do elemento judaico, os povos não se curarão de suas enfermidades.” (Barroso, 1935:75 e 76)

Para o nazismo, os judeus eram considerados uma espécie de vírus, algo que contaminava a sociedade alemã e a humanidade como um todo. Eram vistos como uma raça inferior, cuja ação maléfica só poderia ser extirpada pela eliminação da raça judia como um todo. A mesma visão encontramos no trecho acima escrito por Barroso, talvez o autor integralista que mais tenha explicitado sua admiração por Hitler e pelo nazismo., o que fez com que o pró-nazista *Deutsche La Plata Zeitung*, de Buenos Aires, o chamasse de “fuhrer do integralismo”. (Cytrynowicz, op. cit:8).

Apesar da proximidade entre Barroso e o nazismo, existia, porém, uma peculiaridade em sua proposta de eliminação dos judeus. Maio consegue percebê-la, mas não desenvolve a questão. Na proposta de Barroso, os judeus deveriam abrir mão de sua identidade cultural, incluindo os valores materialistas, e fazerem parte da síntese espiritual e cristã. Como não aceitam tal proposta, deveriam ser eliminados. Para o nazismo, não existe a possibilidade de os judeus participarem de qualquer “comunhão” com os arianos, pois enquanto raças inferiores, não deveriam nunca se misturar com os alemães. Na concepção nazista, os judeus não têm salvação, não podem ser mudados nem terem seu sangue “purificado” por uma comunhão racial e cultural com a

sociedade alemã, porque o nazismo estava profundamente ancorado na visão darwinista social de que as raças não devem se misturar, pois as “inferiores” contaminariam as “superiores”, gerando elementos “degenerados”; não se admitia a hipótese de ocorrer uma elevação étnica das “raças inferiores” por meio da mistura racial com raças de mais “elevada estirpe”.

Barroso, por sua vez, estava embasado na teoria do branqueamento, assim como os demais integralistas, pressupondo uma forma peculiar de eliminação dos judeus. Nada de câmaras de gás, mas sim de aculturação, assimilação e caldeamento étnico, cujo resultado seria o predomínio da raça branca e seus valores.

Maio não conseguiu perceber esta peculiaridade que não era somente barrosiana, mas do integralismo em geral e, por isso, afirma que “(...) *seu modelo de revolução estaria centrado em conteúdos ideológicos e políticos, e não raciais*” (Maio, op. cit: 137 e 138)

Afirmar, porém, que a proposta barrosiana não tinha um conteúdo racial, mas apenas ideológico e político, seria negar tudo o que o próprio Gustavo Barroso afirmou nas linhas de sua obra *O Quarto Império*, que foi, inclusive, extensamente analisado por Maio em seu trabalho. Nela estão presentes as linhas mestras de uma teoria das raças, de uma visão da história como determinada pelas características raciais dos arianos e dos semitas, consubstanciada na idéia de luta entre essas duas raças e seus valores. Ocorre que Barroso utiliza um arsenal moralista e religioso para ocultar a sua proposta de branqueamento e predomínio da raça branca, tanto em termos culturais como raciais. Maio não conseguiu ir além do véu transposto por ele que, no entanto, foi diversas vezes retirado de cena em sua exposição acerca das fases ou dos quatro impérios da história humana.

A percepção de que a defesa barrosiana da eliminação dos judeus se dá pelo fato de os judeus não aceitarem participar da “espiritualidade cristã”, ou seja, da “comunhão racial”, permite estabelecer uma crítica à visão de Cytrynowicz, segundo a qual Barroso rompe com a proposta de integração racial defendida pelos demais teóricos integralistas. Segundo Cytrynowicz, no pensamento de Barroso, a identidade do integralismo e o “caráter brasileiro” da nacionalidade eram dados pela exclusão dos judeus, ao contrário de Plínio Salgado, que pretendia uma integração total dos diferentes grupos étnicos, o amálgama racial. A integração absoluta sociedade-Estado e a defesa da integração racial, na visão pliniana, não poderia conceber uma exclusão tão radical como a proposta por Barroso. Tal exclusão abriria uma cisão no interior do

esquema explicativo baseado na fábula das três raças, que legitimava o Brasil enquanto nação. (Cytrynowicz, op. cit: 188 e 189).

A presente análise mostra que além de Barroso não romper com a idéia de integração racial, o seu discurso, apesar de mais enfático em relação ao anti-semitismo, também é repleto de ambigüidades no trato da questão racial e semita. No pensamento barrosiano, a “exclusão” dos judeus se dá como consequência da defesa da integração racial: se eles não se integram, devem ser eliminados. Barroso os acusa de racistas por se recusarem ao amalgamento com as demais raças, por teimarem em se manter como “raça” à parte, sendo, ao mesmo tempo, fomentadores da modernidade, do capitalismo e do comunismo, instrumentos da dominação judaica. Assim, longe de abrir uma cisão no pensamento integralista, Barroso parte da fábula das três raças, do pressuposto da harmonia racial para tentar “legitimar” a sua proposta de exclusão dos judeus. Ele não os exclui da proposta de integração étnica, pelo contrário, a persistência dos judeus em manterem sua identidade é vista por Barroso como uma espécie de “auto-exclusão” e uma ameaça ao processo branqueador da população brasileira. Barroso parte da defesa de uma “inclusão amalgamadora, destruidora das particularidades étnicas” para em um momento posterior defender a eliminação dos judeus, porque estes não aceitam tal proposta de inclusão.

O anti-semitismo de Gustavo Barroso, foi, portanto, bastante peculiar dentro do integralismo, não somente porque ele foi um dos teóricos integralistas que mais explicitamente demonstrou sua postura anti-semita, mas por ter realizado uma síntese entre as idéias de extermínio nazista e os valores cristãos, resultando em uma proposta de resolução do problema judaico bastante próxima da propugnada pelo nazismo. A maior especificidade da doutrina barrosiana foi combinar uma atitude exterminadora de inspiração nazista e racista com uma crítica ao racismo que motivou o extermínio dos judeus pelo regime hitlerista. Esta combinação revela um anti-semitismo envergonhado e dissimulado, que traz à tona a face extrema do pensamento anti-semita integralista.

Conclusão

O movimento integralista compartilhava da tese defendida pelos principais teóricos racistas do período, que viam a miscigenação racial como a grande tábua de salvação da nação. O caldeamento étnico brasileiro foi, portanto, um importante elemento presente nas idéias das

lideranças integralistas sobre o futuro nacional, que se revelavam defensoras da proposta de branqueamento da população.

Entretanto, a forma como o integralismo constrói o seu discurso sobre o problema racial revela uma especificidade do movimento em relação aos demais pensadores do período. Tais pensadores inserem as suas propostas em uma perspectiva “cientificista” e “racional”, identificando-se com a visão européia de que o problema racial deve ser pensado do ponto de vista estritamente científico. Assim, definir determinadas raças como inferiores e outras como superiores seria o resultado da análise dos genes e de suas influências sobre o comportamento humano e de grupos.

Ancorados na ciência, esses pensadores acreditavam na legitimidade de suas idéias, apresentando uma concepção racista profundamente explícita em seus discursos. O pressuposto do caráter científico de suas análises parecia absolvê-los de qualquer acusação de cunho moral, visto que estariam apenas revelando a “real natureza das coisas”.

O integralismo retirou a discussão sobre a questão racial do campo das ciências e da razão, e a transportou para o campo da moral e dos valores, dando-lhe um aspecto humanitário. Essa operação ideológica possibilitou ao movimento combinar a defesa de princípios racistas, excludentes e anti-semitas com a negação do racismo enquanto parte integrante de seu ideário. A negação do racismo foi, inclusive, utilizada como marco divisório entre o integralismo e o nazismo alemão, possibilitando às lideranças integralistas a elaboração de um discurso crítico ao nazismo e ao seu “imperialismo racista”.

O aspecto moral e ético do discurso integralista sobre a questão racial é fundamentado na defesa de uma sociedade una e indivisa, sob todos os aspectos, ou seja, desprovida de conflitos e diferenças. Essa sociedade seria alcançada por meio dos valores espiritualistas, marcados pela solidariedade e pela harmonia entre os indivíduos, em oposição ao materialismo e ao individualismo, que levam à luta de todos contra todos e à busca da riqueza através da competição.

O integralismo, por rejeitar qualquer forma de luta que pudesse dividir a nação, opunha-se também às divisões étnico-raciais, afirmando, em nome da irmandade cristã, a importância da harmonia entre os brasileiros de todas as raças e classes sociais. O caldeamento étnico existente no Brasil é visto nesta perspectiva. Assim, a defesa do branqueamento da população por meio da mistura étnica ganha a aparência de uma simples defesa da comunhão e solidariedade cristã;

e a intolerância para com grupos étnicos, incluindo os judeus, que queriam manter a sua cultura e identidade próprias é mascarada pela idéia de união, contrapondo-se a qualquer particularismo étnico e/ou cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACKHEUSER, Everardo. "Os Guetos da Cidade". *Jornal do Brasil*, 13 de outubro de 1946.
- BARROSO, Gustavo. *O Espírito do Século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
- _____, Gustavo. "O Movimento Fascista em França". *A Offensiva*, Ano I, n. 4, 7 de junho de 1934.
- _____, Gustavo. *O Integralismo e o Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s.d.
- _____, G. *O Quarto Império*. RJ: Ed. José Olympio, 1935.
- CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e Anti-semitismo nos Textos de Gustavo Barroso na Década de 30*. Dissertação de Mestrado. SP: Departamento de História da Universidade de São Paulo, 1991.
- MACIEL, A. B. Nacionalismo. *O Problema Judaico no Mundo e no Brasil*. Porto Alegre: Livraria do Globo.
- MAIO, Marcos Chor. Nem Rotschild nem Trotsky. *O Pensamento Anti-Semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- NEHAB, Werner. *Anti-Semitismo, Integralismo e Neonazismo*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S. A. 1988.
- REALE, Miguel. *Formação da Política Burguesa*. Rio de Janeiro: Livr. José Olympio, 1934.
- SALGADO, Plínio. *A Quarta Humanidade*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1934.
- _____, Plínio. *Madrugada do Espírito*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1946.
- _____, Plínio. *O Ritmo da História*. São Paulo: Voz do Oeste, 1978.
- _____, Plínio. *Reconstrução do Homem*. São Paulo: Voz do Oeste, 1983.
- TRINDADE, Héglio. *Integralismo. O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. São Paulo: Difel, 1979.